



PÁGINA 5 - **Ministra da Saúde do Haiti reforça Cooperação Tripartite em visita à Fundação**



PÁGINA 9 - **Acordo com Universidade de Princeton atrai estudantes americanos à Fundação**



PÁGINA 19 - **Pesquisador do IOC/Fiocruz faz balanço da conferência da Rede Mundial de Academias de Ciências**



ESPECIAL COOPERAÇÃO FIOCRUZ – FRANÇA (PARTE 2)

Fiocruz e Instituto Pasteur: cooperações históricas e exitosas

Thiago Oliveira (Cris)

As relações entre a Fiocruz e institutos de saúde franceses foram iniciadas há mais de um século, por meio do Instituto Pasteur, através da atuação internacional de Oswaldo Cruz. Fazendo uso dos meios e ensinamentos adquiridos na instituição francesa, na qual acabara de se especializar em microbiologia, o jovem médico, de volta ao Brasil, deu início a uma campanha de desratização e fumigação que conseguiu exterminar a epidemia de peste bubônica que na época assolava o país. Inspirado no Instituto Pasteur, Oswaldo Cruz criou o Instituto de Medicina Experimental de Manguinhos, base do que hoje é o IOC/Fiocruz.

A cooperação entre a Fundação e o Pasteur foi formalizada somente em 1991 e, desde então, tem rendido bons frutos. Um deles foi a criação do Centro de Desenvolvimento Tecnológico em Saúde (CDTS) idealizado em 2003 pelo então presidente da Fiocruz e atual coordenador do Cris/Fiocruz, Paulo Buss, após visita ao instituto francês. Para dar um impulso em suas relações de amizade, as duas instituições assinaram, em 2004, um novo acordo bilateral que prevê o intercâmbio de pessoal, a realização conjunta de programas de pesquisa e seminários bilaterais, além da troca de experiências e de informações em publicações especializadas.

Em 2009, a Fundação renovou e ampliou seu convênio bilateral de cooperação com o instituto. O objetivo foi fomentar parcerias e colaborações para pesquisas científicas, treinamentos e promoção de serviços em saúde, com a meta de combater as principais doenças infecciosas que atingem as populações mundiais. O coordenador-geral do Cris, Paulo Buss, lembra que o acordo firmado levou dois anos para ser fechado e abre numerosas possibilidades para a instituição. “A parceria põe a Fiocruz em contato direto com institutos europeus e de outros continentes, trazendo a grande vantagem de manter um relacionamento estreito com 32 congêneres de diversos países. Entre eles estão nações tropicais, que compartilham com o Brasil problemas comuns e com os quais podemos trocar informações valiosas em vigilância epidemiológica, controle de vetores, entre outros temas”, avalia.

Como parte deste acordo, o pesquisador Ricardo Lourenço, do IOC/Fiocruz, foi convidado pela coordenadora do Laboratório de Arbovírus e Insetos Vetores do Pasteur, Anna-Bella Failloux, para realizar estudos sobre o vírus *Chikungunya* (CHIKV), transmitido aos seres humanos por mosquitos *Aedes albopictus* e *Aedes aegypti*, o mesmo transmissor da dengue. O projeto, realizado entre março de 2012 e janeiro de 2013, teve como objetivo determinar o



O então ministro da Saúde e da Proteção Social da França, Philippe Douste-Blazy (à dir.), chega à Fiocruz para assinatura de acordo entre a Fundação e o Instituto Pasteur, em 2004. Foto: Peter Illiciev

risco de transmissão do CHIKV na América Latina através da avaliação e comparação de competência vetorial de *Aedes aegypti* e *Aedes albopictus*, coletados em todo o continente americano, para diferentes cepas de CHIKV. “Como o vírus da dengue é intensamente transmitido por *Aedes aegypti* em várias partes da América Latina, avalie o desempenho do CHIKV para infectar e ser transmitido por *Aedes aegypti* infectado com dengue, reproduzindo o caso da introdução de CHIKV num contexto de circulação de dengue”, explica o pesquisador. Os resultados ainda estão sob análise.



Fiocruz e IRD: ações conjuntas no combate ao diabetes

Thiago Oliveira - Cris

O Centro de Pesquisas Aggeu Magalhães (Fiocruz-PE) atualmente conta com um importante apoio da França na luta contra o diabetes. Uma pesquisadora do Instituto de Pesquisa para o Desenvolvimento (Institut de Recherche pour Le Développement – IRD, em francês), Annick Fontbonne, é atualmente colaboradora no centro, atuando no projeto Implementação e Avaliação de uma Intervenção no Modelo de Cuidados Crônicos Direcionados aos Diabéticos na ESF: Mais Efetividade e Eficiência para o SUS (Interdia). O objetivo é aprimorar as estratégias de acompanhamento dado aos portadores do diabetes mellitus tipo 2, dentro da Estratégia Saúde da Família (ESF), propondo a adoção de uma nova metodologia com ações e medidas mais eficientes e de baixo custo.

Segundo o diretor da Fiocruz Pernambuco e coordenador do Interdia, Eduardo Freese, o projeto é composto por três subprojetos. O primeiro consiste na definição, implantação e avaliação de intervenção junto aos diabéticos no estado. O modelo de intervenção escolhido para avaliação é o Qualidia - Educação em saúde para o autocuidado e avaliação contínua de qualidade de atenção ao diabetes no Brasil. A iniciativa é do Ministério da Saúde, com o objetivo de implantar o Modelo de Cuidados Crônicos na ESF. “O Qualidia já aconteceu, de junho de 2011 a junho de 2012, nos municípios de Recife, São Lourenço de Mata e Itamaracá, em Pernambuco, e em outros municípios nos estados do Rio de Janeiro e Santa Catarina. No início de abril avaliaremos se a intervenção mudou os processos de trabalho na ESF e o controle dos diabéticos em Pernambuco”, revelou Freese.

O segundo subprojeto identificará a capacidade instalada de laboratórios pernambucanos habilitados a realizar o teste de hemoglobina glicada, que aponta a eficácia do controle glicêmico em um período anterior de 90 dias. “Também será estudada a possibilidade de uso de um equipamento portátil, que emite o resultado em dez minutos, por equipes da ESF, para a aplicação desse teste. O custo econômico e a efetividade das diversas estra-



A pesquisadora do IRD, Annick Fontbonne, em uma apresentação sobre o Interdia. Foto: Fiocruz Pernambuco

tégias de assistência dada ao portador do diabetes tipo 2, na atenção primária, será analisada no terceiro subprojeto”, explicou o coordenador. O segundo e terceiro subprojetos estão em andamento. Iniciado em 2011, o Interdia tem três anos para ser concluído, sendo financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Segundo Freese, a previsão é de que o relatório final seja entregue ao CNPq em dezembro deste ano. Também participam iniciativa as universidades federais de Pernambuco, da Paraíba, de Goiás e do Rio Grande do Sul, a Universidade de Pernambuco e o Instituto de Medicina Integral Professor Fernando Figueira (IMIP).

Outra ação conjunta da Fundação com o IRD foi o I Seminário Franco-Brasileiro sobre Saúde Ambiental, ocorrido em junho de 2011. O evento foi sediado pela Fiocruz Brasília e promovido pela Embaixada da França com apoio da Opas/OMS, Unesco e Unicef. Com o tema Água, Saúde e Desenvolvimento, o seminário abordou durante três dias questões relacionadas à água e à saúde no âmbito do Direito, além de propor reflexões sobre a interação entre água, saúde humana e o desenvolvimento na contextualização das metas dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio (ODM) e do Fórum Mundial sobre Água. O evento teve como eixos principais questões como as consequências da poluição dos meios aquáticos, a persistência da transmissão de doenças como malária, dengue e esquistossomose, a elevação da mortalidade devido a doenças ligadas à água (hepatite, febre tifoide, diarreia); a análise das dinâmicas e dos meios de transmissão dessas doenças

e as consequências sobre a qualidade de vida das populações.

A cooperação entre a Fiocruz e o IRD não para por aí. Outro fruto dessa parceria, com a participação de outras instituições francesas, é o projeto RELAIS (Sistema de Informação Regional da Paisagem Epidemiológica na Amazônia), que vai construir um quadro científico internacional para o estudo da saúde ambiental na Amazônia, além de produzir novos conhecimentos científicos e associá-los aos já existentes que contém dados ambientais, sociais e de saúde. Os resultados vão servir de base para as políticas públicas de saúde e ambiente dos países amazônicos. A iniciativa, aprovada em maio do ano passado, está sendo coordenada por Denise Pires De Carvalho, professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), e por Laurent Durieux, pesquisador do IRD. O coordenador do Centro Colaborador Fiocruz pela OMS em Saúde Ambiental, André Fenner, destaca a importância da necessidade de informações sobre os efeitos das mudanças ambientais na saúde para a avaliação da tomada de decisões e para o desenvolvimento de estratégias de prevenção eficazes. “Isso requer a obtenção de dados necessários, a organização de dados e a análise espacial dos resultados”, afirma.

Ele explica que a meta desta atividade é entender não só os impactos das alterações ambientais em larga escala, mas também como as mudanças no ambiente podem influenciar ou afetar diretamente a saúde humana. “Com esse estudo, esperamos obter uma metodologia de avaliação de ambiente e saúde e possíveis intervenções de saúde ambiental, além de um indicador de desenvolvimento sobre saúde ambiental, sustentabilidade e vulnerabilidade e o desenvolvimento de um banco de dados contendo todos os resultados referenciados espacialmente”, disse Fenner. O projeto ainda prevê a criação de um quadro de Regimes Internacionais em Saúde e Ambiente na Região Amazônica (ERISAA), que servirá para identificar como se implementam acordos e convenções internacionais nos países amazônicos. Participam do projeto RELAIS os pesquisadores Christovam Barcellos, com o Projeto do Observatório de Clima e Saúde, e Carlos Machado de Freitas, com a proposta de indicadores de saúde e ambiente para o bioma amazônico.



Parceria para acreditação pedagógica de cursos em saúde pública

Thiago Oliveira – Cris com a colaboração de Isabela Schincariol -Ensp

A cooperação entre a Fiocruz e a Escola de Altos Estudos em Saúde Pública da França (EHESP, na sigla em francês) remete ao final da década de 1990, quando foi iniciado o Projeto de Acreditação Pedagógica de Formação de Especialistas em Saúde Pública. A iniciativa, pioneira no país, foi firmada por meio de um convênio de cooperação técnica entre a instituição francesa e a Ensp/Fiocruz. O projeto foi lançado durante o 10º Congresso Brasileiro de Saúde Coletiva (Abrascão 2012). A atividade marcou a assinatura do termo de adesão à acreditação – fruto do trabalho da Rede de Escolas e Centros Formadores em Saúde Pública. A Rede possui 45 escolas e centros formadores em todas as regiões do Brasil com a missão de promover o fortalecimento das escolas e centros formadores em saúde pública mediante estratégias político-pedagógicas de educação e produção de conhecimento para o SUS, visando à melhoria da saúde e à qualidade de vida da população brasileira.

A responsável pelo projeto no Brasil e coordenadora do Grupo de Trabalho de Acreditação, Rosa Souza, explica que a acreditação pedagógica é um procedimento de verificação externa e uma forma pactuada de gerenciamento coletivo da qualidade. “Este projeto se justifica pelo aumento vertiginoso dos cursos de pós-graduação a margem de qualquer marco regulatório e pela importância que os cursos de saúde pública representam para o SUS”, explica. Segundo ela, desde o seu início, o projeto contou com a consultoria especializada de profissionais da EHESP e com a participação ativa da Associação Brasileira de Saúde Coletiva (Abrasco) e de pesquisadores da Ensp. Esse processo foi interrompido à época e retomado nas pautas da Rede de Escola e Centros Formadores em Saúde Pública. Em 2011, foi criado o grupo de trabalho, responsável pela atualização, testagem e revisão do Manual de Acreditação Pedagógica elaborado na experiência



Olivier Ray, conselheiro internacional da Ministra da Saúde da França, e Cyril Cosme, do Ministério dos Assuntos Sociais e da Saúde da França. Foto: Virginia Damas

anterior. Nesta nova fase, revelou Rosa, “estão previstos o desenvolvimento de um curso de formação de acreditadores, a criação de uma estrutura de governança e a implementação do Sistema de Acreditação Pedagógica”.

Para fortalecer as ações da iniciativa, uma equipe da secretaria executiva da Rede de Escolas e Centros Formadores em Saúde Pública visitou a EHESP em fevereiro desse ano. A visita pretendeu estruturar as bases de cooperação entre a instituição francesa e a Ensp/Fiocruz, por meio da Rede de Escolas e Centros Formadores, com vistas à organização e implementação de uma agência acreditadora de cursos lato sensu em saúde pública. Segundo a coordenadora da secretaria executiva da Rede, Tânia Celeste Nunes, durante esse ano serão estruturadas algumas vivências do modelo de acreditação pedagógica que vem sendo proposto.

Cooperação no campo de gestão hospitalar

Em novembro de 2011 foi firmado um novo acordo de cooperação internacional entre a Ensp e a EHESP, no campo da gestão hospitalar. A proposta é apoiar e colaborar com o IFF/Fiocruz e o Ipec/Fiocruz na implementação do Instituto Nacional de Saúde da Mulher, do Adolescente e da Criança e do Instituto Nacional de Infectologia. Em junho de 2012, uma delegação de especialistas participou de uma oficina de trabalho com diri-

gentes e pesquisadores da Ensp, do IFF e do Ipec, além de representantes da Presidência da Fiocruz e do Ministério da Saúde com o objetivo de debater temas centrais relacionados ao desenho e à adoção de ações para essa transformação.

Com o objetivo de trabalhar áreas de interesse comum, trocar experiências e fortalecer expertises, a Ensp recebeu, no início de 2012, mais uma aluna por meio da cooperação estabelecida com a EHESP. Astrid Beudet Astrid, que passou dois meses divididos entre a Escola de Governo em Saúde Pública e a iniciativa Território Integrado de Atenção à Saúde (Teias-Escola Manguinhos), é a terceira profissional que realiza este intercâmbio institucional e sua vinda ao Brasil faz parte de uma formação na área de gestão hospitalar necessária para assumir cargos públicos neste campo na França. “Antes de estar aqui, acreditava que o sistema de saúde brasileiro era semelhante ao sistema de saúde do meu país, pois a constituição da França, assim como a do Brasil, preconiza a saúde como um dever do estado e prevê que cada cidadão tenha direito a ela. Porém, percebi que existem muitas particularidades que nos diferenciam e uma delas é o forte desenvolvimento do setor privado”, conta.

Dando continuidade ao projeto de cooperação técnica entre a Ensp e a EHESP, a Fiocruz recebeu uma comitiva francesa em janeiro de 2013. Na pauta assuntos como a análise das experiências adquiridas nas áreas da gestão hospitalar e do cuidado; a discussão de estratégias pedagógicas para um futuro programa de formação na EHESP; a reorganização e expansão da oferta de serviços dos novos institutos nacionais de Infectologia e da Mulher e da Criança; e a promoção do intercâmbio de professores e alunos. A delegação francesa sugeriu que o próximo encontro aconteça em maio de 2013, junto com a Conferência da OMS, que reunirá diversas autoridades mundiais. A delegação se mostrou especialmente interessada na expertise da Ensp na reorganização da atenção básica brasileira e no exemplo do Teias-Escola Manguinhos.



Luta contra tuberculose une Brasil e França

Thiago Oliveira – Cris e Danielle Monteiro - CCS

Atualmente há dois projetos realizados em parceria entre laboratórios da Fiocruz e laboratórios franceses, financiados pela Agência Nacional da Pesquisa sobre AIDS (ANRS) da França. Um deles é o projeto de pesquisa da vice-diretora do IOC/Fiocruz, Mariza Morgado, intitulado Caracterização da imunidade inata e biomarcadores em doentes co-infectados com TB e HIV. “A proposta é determinar o envolvimento da resposta imune inata, especificamente respostas de células NK, e biomarcadores associados, na evolução da infecção pelo HIV em pacientes com tuberculose submetidos à HAART (Terapia Antirretroviral Altamente Ativa), bem como na inicialização das reações inflamatórias associadas à síndrome de reconstituição imunológica (IRIS)”, afirma Morgado. O projeto ainda está no aguardo de autorização para ser iniciado.

A outra iniciativa com participação da ANRS consiste na busca por novas opções de tratamento dirigido a portadores de HIV com tuberculose. O projeto tem participação do Ipec/Fiocruz, em parceria também com o Ministério da Saúde e centros de pesquisa no Brasil e na França – entre eles, o Hospital Sanatório Partenon, o Grupo Hospitalar Conceição, o Centro de Referência de Treinamento de São Paulo, a Universidade Federal da Bahia, o Hospital de Nova Iguaçu e o Hospital Saint Louis. A tuberculose é a principal causa de óbito entre soropositivos e, assim como a Aids, atinge especialmente países em desenvolvimento, onde cresce o número de pacientes com as duas doenças.

A Rifampicina é um dos componentes básicos utilizados no combate à tuberculose, porém, interage com muitos dos antirretrovirais usados para tratar a infecção pelo HIV, o que pode gerar dificuldades no tratamento de co-infectados. O medicamento Efavirenz, em combinação com os fármacos Tenofovir (TDF) e Lamivudina (3TC), compõe o esquema antirretroviral utilizado



O estudo desenvolvido pela Fiocruz em parceria com a ANRS apontou para um possível esquema alternativo de tratamento voltado a portadores de HIV com tuberculose. Foto: Arquivo CCS

no tratamento inicial desses pacientes. Entretanto, ainda não há um esquema alternativo voltado a indivíduos com intolerância ao Efavirenz e a mulheres em início de gestação. Em busca de alternativas para essa parcela da população, os pesquisadores do projeto testaram um esquema antirretroviral contendo o medicamento Raltegravir, pertencente à classe de fármacos chamada Inibidores de Integrase, comparando-o ao que contém Efavirenz. Os resultados foram promissores: o esquema com o inibidor mostrou eficácia e segurança semelhantes.

Segundo a infectologista do Ipec/Fiocruz e coordenadora do estudo no Brasil, Beatriz Grinsztejn, os resultados apontam para a possibilidade do uso do inibidor como alternativa ao

Efavirenz. “O Raltegravir tem um bom perfil de tolerância e é fácil de ser tomado”, afirma. O estudo, que está em fase dois, envolveu 155 soropositivos em tratamento para tuberculose à base de Rifampicina. Os participantes foram distribuídos em três grupos, sendo que o primeiro recebeu uma dose padrão de Raltegravir (400 mg duas vezes ao dia), o segundo uma dose dupla do fármaco e o terceiro a dose usual de Efavirenz. Os três grupos participaram dos testes por 48 semanas e receberam concomitantemente o tratamento para tuberculose. Para Grinsztejn, os achados indicam a realização de um estudo maior, de fase três, para que resultados definitivos possam ser alcançados. “Nossa expectativa para as próximas etapas é otimista”, declara.



Danielle Monteiro - CCS

A Fiocruz recebeu, em 26 de março, a visita da ministra da Saúde do Haiti, Florence Duperval Guillaume, e de representantes do Ministério da Saúde de Cuba. Coordenado pela Assessoria Internacional do Ministério da Saúde em parceria com o Cris/Fiocruz, o encontro integra a agenda da Cooperação Tripartite Brasil-Cuba-Haiti, maior projeto de cooperação internacional brasileiro. A iniciativa foi criada em prol do fortalecimento do sistema de saúde haitiano e tem a Fiocruz entre suas participantes. “A Fundação é um braço executivo nesta cooperação e tem dado uma ajuda muito significativa na implementação do acordo de cooperação do Brasil com o Haiti. Essa parceria busca soluções que entendem nossas necessidades e levam em consideração nossa cultura e costumes, se constituindo como uma cooperação sul-sul muito eficiente”, declarou a ministra.

No encontro, que contou com a presença do presidente da Fiocruz, Paulo Gadelha, e de outros gestores da Fundação, foi feita uma apresentação das diversas ações da cooperação coordenadas pela Fiocruz, que são executadas a partir de quatro eixos: epidemiologia; comunicação em saúde; organização dos serviços de saúde haitianos; e fortalecimento da capacidade operacional dos laboratórios de saúde pública do Ministério da Saúde e da População do Haiti (MSPP) além da capacitação dos seus recursos humanos em áreas prioritárias.

Ministra da Saúde do Haiti visita a Fundação e reforça cooperação tripartite com Brasil e Cuba

Entre as iniciativas da cooperação destacadas no encontro, está a construção dos Espaços de Educação e Informação em Saúde (EEIS) – que serão construídos para análise sistemática da situação de saúde da população, planejamento e execução de pesquisas operacionais e elaboração de políticas públicas locais – e o curso de epidemiologia dirigido a profissionais de saúde dos dez departamentos sanitários do Haiti, que vai dar início a seu quarto módulo no final de abril.

Outra ação mencionada foi a oficina de rádios comunitárias dirigida a radialistas haitianos, promovida pela Fiocruz em parceria com a DPSPE/MSPP, no ano passado, para incentivar a promoção da saúde por meio desses principais veículos de comunicação do Haiti. “Nosso papel nesta iniciativa não foi repassar conhecimento, mas sim atuarmos como apoiadores e articuladores, concedendo espaço para que o MSPP fizesse o que sempre desejou. Essa foi uma experiência muito positiva de troca e construção de conhecimento”, avaliou a coordenadora do projeto, Márcia Correa, do Canal Saúde/Fiocruz. Embora tenha obtido êxito, a iniciativa, no entanto, ainda tem alguns desafios para enfrentar, segundo a ministra da saúde haitiana. “Precisamos trabalhar para que os jornalistas adotem uma postura que não seja exclusivamente crítica e comecem a contribuir para a veiculação de mensagens positivas sobre saúde em nosso país”, alertou.

O coordenador do Cris/Fiocruz, Paulo Buss, destacou que a cooperação em saúde no Haiti é uma das parcerias mais importantes lideradas pelo governo brasileiro e está na lista de missões da Fiocruz. “Executaremos com enorme responsabilidade o compromisso que assumimos nesta parceria, em respeito à história do Haiti e às dificuldades que o país tem enfrentado após o terremoto ocorrido há três anos”, declarou. Buss também salientou a atuação do Ministério da Saúde

brasileiro na cooperação – o qual, segundo ele, tem sido um importante articulador – e elogiou o papel exercido por Cuba na parceria. “Cuba é uma parceira bilateral muito antiga do Brasil. Reconhecemos sua importância para a cooperação em saúde com suas brigadas de saúde, produção de vacinas e diversos outros trabalhos que tem feito na América do Sul”, afirmou.

Visita ao Teias e reunião do Comitê Gestor Tripartite

Além da Fundação, a ministra visitou o programa de atenção primária em área urbana do projeto Teias, coordenado pela Ensp/Fiocruz em parceria com a Prefeitura do Rio de Janeiro na região de Manguinhos. A iniciativa permitiu a oferta de diversos serviços de saúde – entre eles, equipes de saúde da família, consultório de rua voltado para usuários de drogas e clínica da família – aos 40 mil moradores do local. Florence também aproveitou para conhecer os serviços de atenção primária à saúde nas Unidades de Pronto Atendimento (UPAs) na região.

A agenda da Cooperação Tripartite ainda incluiu a reunião do Comitê Gestor Tripartite, realizada no dia 28 de março. O encontro é promovido mensalmente com todos os participantes para a definição dos próximos passos da parceria, que completa três anos desde a assinatura de seu Memorando de Entendimento, em uma resposta articulada de ajuda humanitária em decorrência do terremoto ocorrido em 2010. Durante sua estadia no país, Florence também participou do seminário *Cooperação Sul-Sul em Saúde no Haiti*, em Brasília. O evento foi coordenado pelo Ministério da Saúde e apresentou as conquistas alcançadas pela cooperação além de aprofundar o debate entre as autoridades, especialistas dos três países participantes e parceiros do projeto sobre seus desafios e perspectivas.

Cooperação Tripartite lança novo vídeo sobre campanha de vacinação no Haiti



A documentarista Marilu Cerqueira com crianças haitianas durante a realização do filme. Foto: Marcela Lemgruber

Gabriel Cavalcanti - Icict

A Cooperação Tripartite Haiti-Brasil-Cuba lançou o vídeo institucional *Ann Al Vaksinen – Vamos todos vacinar! 2*. O trabalho dirigido pela documentarista Marilu Cerqueira, do Icict/Fiocruz, foi realizado durante a Semana de Atividades Intensivas para a Saúde da Criança, que aconteceu no Haiti entre 21 de abril e 5 de maio do ano passado, inserida na 10ª Semana de Vacinação das Américas e 1ª Semana Mundial de Imunização. Nele, foram registrados os esforços para imunizar as crianças de zero a nove anos na região noroeste do país. O Brasil auxiliou o Haiti a bater a meta de imunizar cerca de três milhões de crianças contra poliomielite, sarampo e rubéola, com a doação de US\$ 1,4 milhões em vacinas e insumos e apoio nas ações da campanha.

Um dos principais objetivos do vídeo é mostrar ao público em geral, em especial os parceiros haitianos, como estão sendo documentadas as ações da Cooperação Tripartite. Segundo Marilu, este filme é um segundo *teaser*, uma espécie de prévia de um documentário de média-metragem que ainda deverá vir por aí. O primeiro vídeo foi lançado em junho de 2012 e filmado na primeira visita da documentarista ao Haiti, ainda em 2011. O trabalho foi realizado pelo Icict/Fiocruz, com o apoio do Cris/Fiocruz e do Ministério da Saúde do Brasil. Para Cerqueira, a documentação e a atua-

ção em campo ajudaram a levar informação para o Ministério da Saúde e da População do Haiti (MSPP), contribuindo para que o órgão verifique a atuação das equipes, se elas estão armazenando corretamente as vacinas e manipulando o material devidamente. “É um trabalho documental com potencial enorme de ser também um trabalho instrutivo, educativo e de supervisão”, afirma.

Além dos dados sobre a vacinação, o que mais chama a atenção em *Ann Al Vaksinen 2* é a alegria e a interação das crianças com a câmera, conta Cerqueira: “O contato com os personagens deu-se de forma amigável tanto pelo relacionamento já pré-estabelecido pela enfermeira-chefe do Programa Nacional de Vacinação, Miss Noël, que é a narradora do filme, quanto pela atração que os balões verdes, que estávamos distribuindo em prol da mobilização social, exerciam sobre meninos e meninas”. Ela ainda destaca que a proposta do vídeo vai além do simples registro. “Estávamos ali não somente para gravar em vídeo ou fotografar, mas também para participar e dar o apoio necessário para o sucesso das atividades para a saúde da criança”, ressalta. “Fica a mensagem sobre a importância do compromisso e da cooperação entre os próprios haitianos e entre os países parceiros para, juntos, reconstruírem, com a força e a alegria de suas próprias crianças, o país onde vivem”, conclui. O vídeo pode ser acessado em: <http://youtu.be/xRwxcv1e1s4>

Curso de epidemiologia para profissionais de saúde haitianos

A Cooperação Tripartite vai realizar, entre 22 de abril e 5 de maio, mais um módulo de formação em epidemiologia de serviços direcionada a profissionais de saúde dos dez departamentos sanitários haitianos. A ação vem sendo promovida desde julho do ano passado e é ministrada por profissionais da Fiocruz - com apoio do Cris e por meio da Ensp - e da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) em parceria com a Direção de Epidemiologia e Laboratórios de Pesquisa (DELR) do Ministério da Saúde e da População do Haiti (MSPP). A ideia é formar profissionais para atuar nos onze Espaços de Educação e Informação em Saúde (EEIS) que serão construídos no país caribenho.

A professora da UFRGS, Stela Meneghel, conta que a iniciativa vai abordar especialmente temáticas voltadas a questões de gênero. “Mais da metade da população haitiana é constituída de mulheres e muitas delas sofrem com iniquidades de gênero como divisão sexual do trabalho, violência sexual, entre outros fatores impactantes em sua saúde. Ao tratar a questão de gênero como política transversal atrelada a aspectos da vigilância da saúde, por meio da discussão entre os profissionais de saúde, ajudaremos a propor soluções para esses problemas femininos no país”, afirma. O quarto módulo do curso, que vai contar com a participação de 40 profissionais do MSPP, ainda vai incluir um seminário sobre mortalidade materna no Haiti, já que, durante o período, está prevista a divulgação completa dos dados demográficos e de saúde do país (DHS) referente ao ano de 2012, levantado pela agência americana de desenvolvimento internacional (USAID).

Simpósio sobre África: cooperação com o continente precisa ser uma construção coletiva, defendem participantes



José Luiz Telles, diretor do Escritório Regional da Fiocruz na África, e Luiz Eduardo Fonseca, assessor internacional para África, do Cris/Fiocruz, foram alguns dos participantes do simpósio. Foto: Peter Illiciev

Glauber Gonçalves - COC

A cooperação do Brasil com os países africanos tem de ser uma construção coletiva. Esse entendimento norteou as apresentações do simpósio *História, Ciência, Saúde e Arte na África*, realizado no último dia 22, na Tenda da Ciência, do Museu da Vida. Do papel transformador do cinema africano a parcerias do governo brasileiro na área de saúde e agricultura com outros países de língua portuguesa, o evento trouxe para o campus da fundação uma série de temas e discussões relacionados ao desenvolvimento das nações do outro lado do Atlântico.

“A atuação do Brasil (na África) tem procurado respeitar as realidades nacionais e os desafios específicos dos países em que coopera, e não repetir práticas nacionais em países estrangeiros”, afirmou a pesquisadora da Ensp, Célia Almeida. Ex-coordenadora do Escritório Regional de Representação da

Fiocruz na África, ela fez um histórico da atuação brasileira em cooperação internacional e abordou projetos implantados pela Fundação ou em andamento no continente. O foco dessa atuação, segundo a pesquisadora, é o fortalecimento dos sistemas nacionais de saúde. “O objetivo é colaborar com a criação de instituições estruturantes, como cursos de pós-graduação e especialização e institutos nacionais de saúde, com aquilo que permita que os países construam sua autonomia e não fiquem eternamente dependentes de ajuda”, defendeu.

Presente na abertura do evento, o assessor internacional da Fiocruz para a África, Luiz Eduardo Fonseca (Cris/Fiocruz), lembrou que, em 2014, a Fundação comemorará os 20 anos do início do projeto de cooperação com a África. “É interessante que essa data seja lembrada, porque ela dá início a um movimento mais oficial da Fiocruz em relação à cooperação com a África”, disse. Diretor do Escritório Regio-

nal da Fiocruz na África, José Luiz Telles frisou a importância do entendimento da cultura local para o desenvolvimento das atividades da instituição na área de saúde no continente. “Não somos vetores de conhecimento. Ninguém transfere nada para ninguém. Todos nós somos afetados pelo conhecimento, e também pela cultura e pela arte. Esse afeto nos permite uma comunicação de duas vias”, afirmou.

O simpósio foi realizado em conjunto pela presidência da Fiocruz, pelo Museu da Vida / COC/Fiocruz e pelo IOC/Fiocruz, com apoio da Faperj. O evento foi coordenado por Luisa Massarani, que está a frente do Museu da Vida, e por Wilson Savino, pesquisador do IOC/Fiocruz. Paulo Elian, vice-diretor da COC/Fiocruz, ressaltou a importância da inserção da História no seminário e lembrou a longa tradição de produção historiográfica do Brasil sobre as relações com a África. “Essa iniciativa certamente vai gerar outros eventos que possam contemplar essa temática”, declarou.

Os coordenadores do evento: Wilson Savino, pesquisador do IOC/Fiocruz, e Luisa Massarani, que está a frente do Museu da Vida.

Foto: Peter Illiciev



Parcerias ajudam a fortalecer combate à Aids na África

O grave problema da epidemia de Aids na África também foi abordado na apresentação de diversas instituições, que mostraram os trabalhos que desenvolvem no continente. O professor titular do Laboratório de Virologia Molecular da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Amílcar Tannuri, relatou sua experiência no projeto de massificação dos testes de HIV em Moçambique. Quando chegou ao país, apenas 300 testes eram feitos anualmente. “No primeiro ano (de atuação), atendemos 110 mil pessoas. Hoje, são feitos dois milhões de testes no país”, afirmou.

Diretora da Unidade Médica Brasileira dos Médicos Sem Fronteiras (MSF), Carolina Batista falou sobre sua atuação em iniciativas relacionadas a doenças negligenciadas no continente africano, onde estão concentrados cerca de 60% dos projetos da organização. Ela ressaltou que o papel da instituição na região vai além do tratamento de pessoas doentes. O objetivo é encontrar subsídios para orientar políticas públicas, por meio da realização de pesquisas e de trabalho de campo. “Nosso trabalho é muito mais do que estar ali tratando, mas influenciar práticas de saúde locais, nacionais e até internacionais”, disse. Foi o que aconteceu quando profissionais que atuam junto à organização descobriram que havia uma prevalência seis vezes

maior de HIV em pessoas que tinham úlcera de Buruli, doença infecciosa tropical, provocada por uma bactéria da mesma família do causador da tuberculose. Com o trabalho, o MSF conseguiu garantir acesso ao teste de HIV a pessoas com a doença no continente.

Desenvolvimento institucional como meta da cooperação Brasil-África

O simpósio abordou ainda outros campos de cooperação entre o Brasil e a África. Um deles foi a agricultura, que, ao lado da saúde, concentra grande parte das parcerias que atravessam o oceano. O assunto foi tratado por Marcelo Saldanha, assessor da chefia geral da Embrapa Solos e um dos responsáveis pelo programa de cooperação com Moçambique. Essencialmente de subsistência e marcada por características que remontam à pré-história, como o nomadismo, o setor agrícola no país africano tem contado com o apoio do órgão governamental brasileiro para se modernizar. Os desafios são grandes, admite o assessor, e vão desde a falta de equipamentos e insumos no país ao aumento agressivo da presença chinesa em Moçambique com suas plantações de soja e com práticas muitas vezes inadequadas, como desmatamento.

Ex-embaixador do Brasil em Moçambique, Antônio de Sousa e Silva defendeu a presença contínua do País em

projetos de cooperação com a África. Para ele, parcerias como as apresentadas durante o seminário levam bastante tempo para apresentar seus primeiros resultados e, por isso, é preciso um esforço de governos e outras organizações para que sejam mantidos.

Cultura e arte como elementos importante das relações Brasil-África

A arte e a cultura africana estiveram no centro das discussões de outro painel do simpósio. A trajetória do Museu Afro-Brasileiro da Universidade Federal do Bahia (UFBA), em Salvador, foi o tema da apresentação da coordenadora da instituição, Graça Teixeira. Ela expôs um trabalho educacional feito com a sociedade baiana, especialmente com crianças, para acabar com os estigmas que cercam as religiões afro-brasileiras, através do contato com obras de arte vindas do continente.

Professor do Departamento de Comunicação da UFBA e especialista em Cinema Africano e da Diáspora, o costa-marfinense Mahomed Bamba trouxe outro olhar para a discussão. Ele abordou o caráter de catalisador de transformação social que o cinema tem em países do continente. Para ele, os diretores devem buscar levar às telas de maneira crítica um “retrato não complacente” da sociedade e levantar questões relevantes, como a condição feminina no continente, muitas vezes de subjugação.

O painel sobre arte e cultura contou ainda com uma apresentação do pesquisador do IOC/Fiocruz, Wilson Savino. Ele é o curador da exposição “O Corpo na Arte Africana”, que ocupa espaço no Palácio Itaboraí, em Petrópolis (RJ). Savino fez um relato sobre suas andanças pelo continente africano e mostrou fotos feitas durante seu trabalho e em expedições em países como Mali e Moçambique. A conferência de encerramento, sobre a diversidade do continente africano, foi feita pelo historiador Alberto da Costa e Silva, membro da Academia Brasileira de Letras (ABL).



Os estudantes da Universidade de Princeton em encontro no Cris/Fiocruz. Foto: Peter Illiciev

Cooperação com universidade atrai estudantes americanos à Fundação

Danielle Monteiro - CCS

A cooperação entre a Fiocruz e a Universidade de Princeton, dos Estados Unidos, já rendeu bons frutos. Nove alunos da universidade americana se encontraram, no dia 21 de março, com gestores e pesquisadores da Fundação para discutir possíveis linhas de pesquisa comuns para os projetos que vão desen-

volver durante estágio que vão realizar entre junho e agosto desse ano na Fiocruz. O grupo aproveitou o encontro para também conhecer as atividades institucionais em curso e o papel da Fundação na implementação de políticas nacionais de saúde e nas parcerias Sul-Sul. Segundo a coordenadora geral de pós graduação da Fiocruz, Cristina Guilam, encontros como esses são fundamentais, pois permitem que

os visitantes aprofundem parcerias com os pesquisadores da Fundação e conheçam a complexidade da instituição. "Como esses alunos já estão inseridos em cursos de pós graduação, eles poderiam fazer disciplinas avulsas de alguns de nossos cursos, para que se beneficiem bastante dessa estadia mais longa no Brasil", propôs.

Também presente no encontro, a estudante de doutorado em Epide-

miologia da Fiocruz e pesquisadora participante do projeto de pesquisa nacional do crack, Neilane Bertoni, destacou a colaboração da Universidade de Princeton na iniciativa para o combate às drogas, que foi coordenada pelo Ict/Fiocruz e financiada pelo Secretaria Nacional de Políticas de Drogas (Senad). A cooperação possibilitou o uso de um novo método de estimação chamado Scale-up, que é comumente usado nos Estados Unidos e oferece resultados mais precisos sobre o real tamanho da população usuária do crack, em comparação com as metodologias convencionais. “Ao contrário das outras ferramentas de mensuração, que trabalham diretamente com o uso da droga pelo consumidor, o Scale-up nos permite indagar às pessoas sobre o comportamento dos indivíduos que fazem parte de sua rede social, possibilitando, com isso, dados mais reais sobre quem de fato consome a droga”, explica. O novo método já foi aplicado nas 27 capitais nacionais e os dados obtidos serão em breve levados a Princeton para uma análise estatística conjunta, que vai revelar o número de consumidores da droga em cada uma dessas capitais brasileiras. Os resultados finais devem ser divulgados em julho desse ano.

A ação conjunta no combate à droga chamou atenção do estudante americano de sociologia, Peter Smith. “Nesta reunião, percebi como a política de drogas envolve atores de diferentes países. Acho que seria interessante estabelecer uma cooperação entre o Brasil e os Estados Unidos para que os dois países troquem experiências sobre a implantação de políticas públicas no combate ao problema”, sugeriu. Ainda indeciso quanto à temática de seu trabalho acadêmico, que deve abordar políticas de enfrentamento a drogas ou questões ligadas ao meio ambiente, Smith disse que o encontro foi muito importante para a elaboração de sua futura pesquisa. “A partir dessa apresentação, percebi que a Fiocruz está dando bons exemplos de cooperações internacionais, que são primordiais para a solução de problemas ligados ao meio ambiente”, argumentou.

Para Serena Stein, que fez mestrado em antropologia e em desen-

volvimento internacional e saúde em Princeton, a troca de experiências foi uma oportunidade de conhecer mais a fundo o trabalho da Fiocruz e será valiosa para seu futuro projeto sobre cooperação sul-sul em saúde. “Foi uma experiência maravilhosa conhecer a rede de pessoas da Fundação, uma instituição única no mundo, além de seus trabalhos nacionais e internacionais e suas características. Estamos muito empolgados com essa parceria”, disse a estudante, que conduziu pesquisas de campo sobre os determinantes sociais da tuberculose em diversos países da América Latina, inclusive no Brasil, onde pesquisou a implantação de programas para o tratamento da doença na Rocinha, comunidade do Rio de Janeiro.

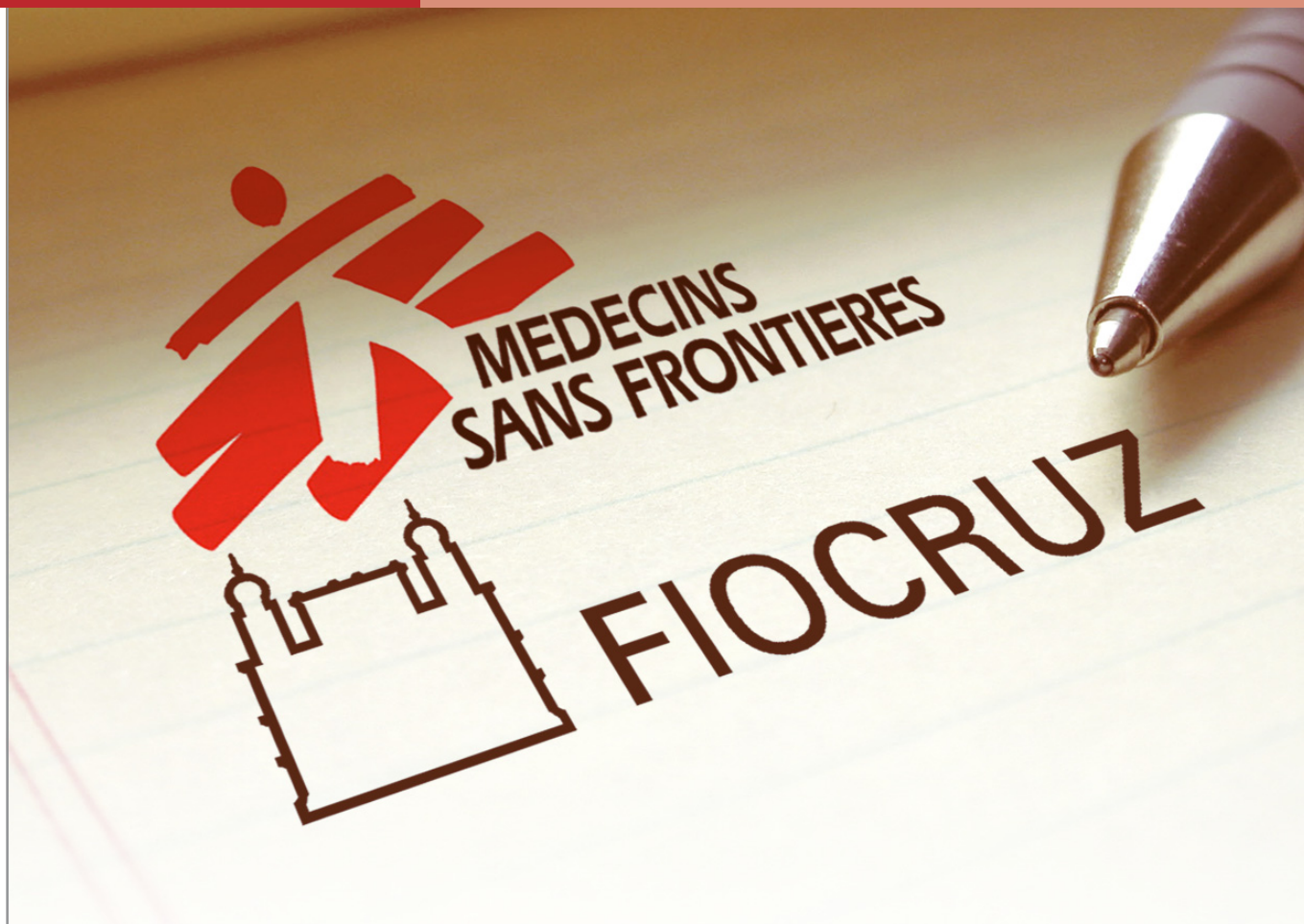
Interessada em temáticas como modificações e rituais do corpo, cirurgia plástica, sexualidade e gênero, além das intervenções médicas e acesso à saúde que acompanham essas identidades, a estudante de antropologia, Minerva Pedroza, ressaltou que o encontro a ajudou a adquirir recursos para sua futura pesquisa. “Essa troca de conhecimentos me ofereceu

uma maior contextualização sobre meu campo de trabalho e isso servirá de base para ele”, justificou. Segundo o assessor do Cris/Fiocruz, Luiz Eduardo Fonseca, a visita dos estudantes de Princeton demonstra a importância da abrangência internacional da Fiocruz tanto no campo da pesquisa biomédica quanto da cooperação internacional em saúde. “São futuros pesquisadores que terão uma visão mais completa da Fiocruz no momento de escolher suas parcerias. Este tipo de intercâmbio também poderá gerar mais oportunidades aos cientistas da casa em instituições americanas”, diz.

O intercâmbio entre estudantes de Princeton e pesquisadores da Fiocruz é fruto de um encontro ocorrido no final do ano passado entre gestores da Fundação e a reitora da universidade americana, Shirley Tilghman, quando ficou acordado que as duas instituições promoveriam um intercâmbio entre docentes e estudantes para que, posteriormente, assinem um termo de cooperação. Princeton foi fundada em 1746 e é a quarta universidade mais antiga dos Estados Unidos.



O campus da Universidade de Princeton, em New Jersey, EUA. Foto: Wiki Commons



Fiocruz e Médicos Sem Fronteiras ampliam parceria

Marina Lemle - VPAAPS e
Aline Câmara - IFF

Capacitados por especialistas da Fiocruz no reconhecimento precoce em 15 minutos dos sinais de alarme para dengue grave, profissionais de saúde da organização internacional humanitária Médicos Sem Fronteiras (MSF) estão aptos não só a aplicar a técnica em campo, como a replicá-la a colegas mundo afora. Bem sucedida, a parceria entre a Fiocruz e o MSF em atenção à dengue iniciada há dois anos começa a se ampliar, estendendo-se a outras doenças infecciosas e também ao campo dos agravos não transmissíveis – no caso, a violência. O Instituto de Pesquisa Clínica Evandro Chagas (Ipec/Fiocruz), que já presta assessoria técnica em dengue e doença de Chagas, passará também a apoiar o MSF na atenção a outras doenças infecciosas. Na área de violência, o aporte virá do Centro Latino-Americano de Estudos de Violência e Saúde Jorge Careli (Claves), da Escola Nacional de Saúde Pública (Ensp/Fiocruz).

A Fiocruz e o MSF assinaram um acordo de cooperação bilateral em setembro do ano passado, que prevê cinco anos de ações em atenção à saúde e apoio técnico, qualificação e treinamento, pesquisa operacional e elaboração de materiais científicos. De acordo com a diretora da Unidade Médica do MSF/Brasil, Carolina Batista, a organização está fazendo o planejamento de operações para o triênio 2013/2016 e, para preparar suas intervenções na América Latina, está levantando as demandas da região. “Ter um diagnóstico da América Latina nos ajuda a traçar um plano regional, prevenindo a melhor abordagem e moldando respostas adequadas”, relata. O Ipec também dará apoio ao MSF na produção de publicações científicas.

O infectologista Alejandro Haslocher, do Ipec, destaca a importância da abordagem integral na doença de Chagas, modelo cada vez mais adotado por MSF em seus projetos de manejo da doença. “A abordagem deve não apenas incluir diagnóstico de campo (teste rápido) e tratamento com remédio específico, mas também identificar desde o paciente que não está doente, a forma indeterminada, até aquele que tem cardiopatia, que pode precisar de condutas terapêuticas de maior complexidade, como, por exemplo, a colocação de marca-passo”, afirma. O MSF atualmente discute com profissionais do Ipec e outros experts internacionais a expansão das atividades a fim de ampliar as ações no tratamento da doença de Chagas em todas as fases, incluindo o manejo de complicações cardiovasculares.

A parceria da Fiocruz com MSF em Doença de Chagas existe desde 2007 e está em processo de expansão agora com o Ipec. “O Ipec tem uma interface enorme com o MSF em doenças infecciosas como Chagas e dengue. Agora precisamos sair do âmbito

de Chagas, modelo cada vez mais adotado por MSF em seus projetos de manejo da doença. “A abordagem deve não apenas incluir diagnóstico de campo (teste rápido) e tratamento com remédio específico, mas também identificar desde o paciente que não está doente, a forma indeterminada, até aquele que tem cardiopatia, que pode precisar de condutas terapêuticas de maior complexidade, como, por exemplo, a colocação de marca-passo”, afirma. O MSF atualmente discute com profissionais do Ipec e outros experts internacionais a expansão das atividades a fim de ampliar as ações no tratamento da doença de Chagas em todas as fases, incluindo o manejo de complicações cardiovasculares.

A parceria da Fiocruz com MSF em Doença de Chagas existe desde 2007 e está em processo de expansão agora com o Ipec. “O Ipec tem uma interface enorme com o MSF em doenças infecciosas como Chagas e dengue. Agora precisamos sair do âmbito

teórico para o prático e há uma dimensão espetacular de atuação junto ao MSF”, aposta Hasslocher. Para Carolina, incluir o paciente crônico nas ações do MSF em Chagas é uma necessidade de adaptação, e a parceria com o Ipec será fundamental para isso. Como resultado desta cooperação, ela conta que este ano haverá capacitações para o MSF em Assunção, no Paraguai, e em Cochabamba, na Bolívia.

Violência: novas abordagens

Preocupado em como melhor planejar respostas à questão da violência, o MSF procurou o Claves, que tem vasta experiência em ensino, pesquisa, monitoramento e avaliação. De acordo com a pesquisadora Edinilsa Ramos de Souza, a organização já lida com a questão da violência, oferecendo atendimento às vítimas ainda muito dirigido ao tratamento médico dos ferimentos. “Falta sistematizar o conhecimento e ampliar a visão, fornecer atendimento interdisciplinar, com atenção psicológica mais longa do que as atuais duas sessões. As marcas no corpo e no emocional, como as consequências da violência intrafamiliar,

precisam de acompanhamento prolongado, de pelo menos um ano, porque são difíceis até de serem reveladas, e leva tempo para o profissional ganhar a confiança da pessoa”, explica. Desde a sua criação, em 1971, o MSF já atuou em epidemias de ebola, cólera, terremotos, catástrofes e conflitos, principalmente na África e na Ásia. “O MSF busca descobrir se já existem experiências bem sucedidas e como elas podem ser adaptadas para a organização. Temos que estar um passo à frente sempre”, conclui Carolina.

Relações fortalecidas com o IFF/Fiocruz

Em viagem ao Brasil para conhecer os protocolos assistenciais praticados por instituições de referência, a coordenadora do Departamento de Pediatria de Médicos Sem Fronteiras (MSF), Marie-Claude Bottineau, reservou parte de sua agenda para conhecer o IFF/Fiocruz. Responsável por liderar pesquisas de campo com o objetivo de estruturar o cuidado pediátrico dos projetos do Unicef no mundo, Marie-Claude salientou a importância de vivenciar de perto a realidade de entidades como a Fiocruz e a Cruz

Vermelha. “Essas visitas funcionam como um laboratório em que temos a oportunidade de aprender novas práticas para poder replicar em nossas missões”, afirmou.

Acompanhada do diretor de Recursos Humanos da organização internacional, Dominique Arthur Delley, a médica teve a oportunidade de conhecer a Enfermaria de Pediatria, a Unidade de Tratamento Intensivo Neonatal, a Unidade de Pacientes Graves, a Unidade de Doenças Infecciosas Pediátricas (Dipe), além do Banco de Leite Humano. O cuidado à criança cronicamente adoecida e a promoção ao aleitamento materno foram os aspectos que mais chamaram sua atenção. “Em alguns países subdesenvolvidos esbarramos em questões culturais muito fortes. A crença de que o leite materno é fraco leva a maioria das mães a abandonarem o aleitamento. Temos interesse em compartilhar a experiência dos bancos de leite para entender como o Brasil chegou às políticas de apoio à amamentação em prol da saúde dos pequenos”, declarou. Durante reunião com o diretor do IFF, Carlos Maciel, a representante do MSF demonstrou interesse em promover um evento no Instituto para divulgar a iniciativa e sensibilizar novos profissionais a se engajarem.



Alejandro Hasslocher, do Ipec/Fiocruz, Edinilsa Ramos de Souza, do Claves/Ensp/Fiocruz, e Carolina Batista, do MSF. (Foto: Marina Lemle)



O convênio da Fiocruz com a McGill University, uma das universidades de maior prestígio científico da América do Norte, permitirá a colaboração técnico-científica entre pesquisadores e estudantes das duas instituições. Foto: McGill University

Fiocruz firma parceria com universidade canadense

Ascom/Fiocruz Bahia

A Fiocruz Bahia firmou parceria com a universidade canadense McGill University, mediante assinatura de um memorando de entendimento. O documento foi assinado durante a Oficina de Produção Científica: Escrevendo e Publicando Artigos Eficientemente, primeira ação da cooperação entre as instituições. “O convênio permitirá a colaboração técnico-científica dos nossos pesquisadores e estudantes com colegas de uma das universidades de maior prestígio científico da América do Norte. Além disso, os mecanismos estabelecidos no acordo facilitarão a concessão e a implementação de bolsas de estudo como as oferecidas em programas como o Ciências sem Fronteiras”, afirmou Edson Duarte, pesquisador da instituição e um dos idealizadores do projeto.

O memorando institui que “as áreas de cooperação podem incluir qualquer programa em qualquer instituição que pode ajudar a promover e desenvolver o relacionamento”. Desta forma, algumas atividades podem ser desenvolvidas a partir da cooperação, a exem-

plo de intercâmbio de professores e/ou pessoal; pesquisa e publicações; participação em seminários e encontros acadêmicos; programas acadêmicos especiais de curto prazo; e visitas de curto e médio prazo para estudantes de pós-graduação (mestrado, doutorado e pós-doutorado). A cooperação também inclui a possibilidade de intercâmbio de estudantes de graduação e troca de materiais acadêmicos e científicos.

Oficina de Produção Científica

Um dos professores da oficina, Eduardo Franco, que atualmente é professor e diretor da Divisão de Epidemiologia do Câncer em McGill, avalia que o “intercâmbio de professores e a troca de colaboração de informações entre os alunos na área do câncer e na área de doenças infecciosas e parasitárias, onde as duas instituições têm força e atuações importantes, são pontos promissores”. A oficina abordou temas como o aperfeiçoamento de técnicas de redação científica e as principais etapas da redação de um artigo, desde a elaboração do esboço ini-

cial até a escolha do periódico. O programa incluiu tópicos como autoria, plágio, revisão bibliográfica e gerenciamento de referências. “A oficina foi feita para preencher uma carência nos cursos de pós-graduação, já que é muito difícil ter uma disciplina estruturada só para escrita de artigos científicos. No período de avaliação, percebemos quanto os alunos têm dificuldade em escrever artigos”, lembrou a pesquisadora da Fiocruz Bahia, Maria da Conceição.

De acordo com Duarte, a expectativa dos organizadores é de que uma nova edição ocorra em dois anos. Também há planos para o desenvolvimento de estudos na área de prevenção do câncer relacionado à infecção pelo HPV, leishmanioses, dentre outros. O curso, do qual participaram 75 estudantes, foi bem avaliado e recebeu inúmeras recomendações para ser oferecido de maneira regular como parte do programa de disciplinas da pós-graduação. “É essencial um curso de produção científica, já que o objetivo de todo aluno de pós-graduação é publicar o resultado da sua pesquisa. Esse foi um dos melhores cursos dos quais participei na Fiocruz” afirmou Letícia de Castro, estudante de doutorado.

Brasil e Moçambique: avanço na parceria acadêmica



Os participantes moçambicanos do mestrado acadêmico em Medicina Tropical, do IOC/Fiocruz. Foto: Gutemberg Brito

Vanessa Sol - IOC

Há pouco mais de dois anos, cinco estudantes moçambicanos desembarcaram no Brasil com uma missão: dar início ao curso de mestrado acadêmico em Medicina Tropical, com a área de concentração em virologia, no IOC/Fiocruz. A iniciativa, que integra um convênio entre o Instituto Nacional de Saúde (INS) de Moçambique e a Fiocruz, faz parte do Plano Estratégico de Cooperação em Saúde da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa – conjunto de ações de aproximação entre o Brasil e os países africanos de Língua Portuguesa. O objetivo é formar mestres e doutores que possam, com base nos conhecimentos obtidos, impactar na situação da saúde local.

A iniciativa é desdobramento do Programa de Pós-graduação em Ciências da Saúde da Fiocruz, capitaneado pelo IOC e realizado em parceria com o INS, coordenado pelos pesquisadores Illesh Jani (INS) e Wilson Savino (IOC/Fiocruz). A defesa da dissertação Identificação de enterovírus em casos esporádicos de meningite asséptica de pacientes de Moçambique encerrou o ciclo de formação do mais recente grupo de pós-graduandos moçambicanos, que defenderam suas dissertações entre dezembro de 2012 e fevereiro de 2013.

Orientada pelos pesquisadores Edson Elias da Silva, Eliane Veiga da Costa e Illesh Jani, a mestranda Gabri-

ela do Carmo Pinto apresentou os resultados do estudo sobre a detecção de enterovírus em amostras de líquido cefalorraquidiano (LCR) coletadas de casos esporádicos de meningite asséptica (meningite viral), em Moçambique, no período de julho de 2011 a janeiro de 2012. Diante da necessidade do conhecimento da epidemiologia dos agentes etiológicos virais das meningites assépticas em seu país, Gabriela do Carmo destaca a relevância da iniciativa. “O estudo será útil para a implantação de futuras ações por parte dos serviços de saúde de Moçambique”, pontua.

Transferindo conhecimento

O mestrado foi cursado no Brasil, mas as pesquisas foram realizadas a partir de amostras coletadas em Moçambique, refletindo o interesse de pesquisa em relação às demandas do país. De acordo com o coordenador do Programa de Pós-Graduação em Medicina Tropical do IOC, Filipe Aníbal Carvalho Costa, o ciclo de formação de virologistas para o INS de Moçambique ilustra o princípio básico que norteia a Cooperação Sul-Sul, que é o seu caráter estruturante, indutor de capacidades locais. “Países como o Brasil e, nestes, instituições como a Fiocruz, assumem um papel de destaque devido a sua reconhecida tradição científica. O pro-

grama de Medicina Tropical do IOC se orgulha de, juntamente com os demais Programas de Pós-Graduação do Instituto e de outras Unidades da Fiocruz, contribuir nesta ação”, afirma.

Os estudantes fizeram também seis meses de estágio nos laboratórios do IOC: de Vírus Respiratório e Sarampo; de Enterovírus e de Virologia Comparada e Ambiental, coordenados pelos pesquisadores Marilda Siqueira, Edson Elias e José Paulo Gagliardi Leite, respectivamente. E foram tutoriados, até que eles se vinculassem a um desses laboratórios, pelos pesquisadores Alda Maria da Cruz, Filipe Aníbal Carvalho Costa e Marta Cecília Suarez-Mutis.

Para a pesquisadora do Laboratório Interdisciplinar de Pesquisas Médicas, Alda Maria Da-Cruz, as perspectivas para esse primeiro grupo de moçambicanos formados em virologia serão promissoras. “Certamente esses profissionais quando chegarem a Moçambique vão ser absolutamente envolvidos com as necessidades que já existem no país em função da carência de recursos humanos que eles ainda têm”, destaca. Outro ponto ressaltado pela pesquisadora é a transferência de conhecimento entre os países. “Estreitar os laços de colaboração e cooperação científica é uma via de mão dupla, pois temos a possibilidade também de ampliar o nosso leque de conhecimento ao cooperarmos para entender a dinâmica de endemias de outras localidades”, enfatiza.

Profissionais moçambicanos participam de capacitação para atuar em fábrica de antirretrovirais



A diretora executiva Noémia Muíssa e a chefe do departamento da garantia da qualidade da SMM, Ligia Tembe, e o diretor de Farmanguinhos, Hayne Felipe. Foto: Farmanguinhos

Maritza Neves - Farmanguinhos

Farmanguinhos há algum tempo vive junto ao povo moçambicano a intensa relação que existe em encontros e despedidas. E outra vez esse ciclo se repete. No dia 15 de março, o farmacêutico Alberto Jequicene Chambe e os operadores de produção Feniosse Macuacua, Joaquim Alberto Machavane, Ronaldo Carlos

Banzala e Joaquim Hilário Govene terminaram mais um módulo do curso de capacitação em Tecnologia de Produção, e, agora, regressam a seu país. Em contrapartida, chegaram à Farmanguinhos, no último dia 18, para dar início ao processo de capacitação sobre Gestão em Indústria Farmacêutica e Garantia da Qualidade, Noémia Muíssa e Ligia Tembe, respectivamente diretora executiva e chefe do

departamento da garantia da qualidade da Sociedade Moçambicana de Medicamentos (SMM), fábrica de antirretrovirais instalada no país africano com apoio da Fiocruz, por meio de Farmanguinhos.

Para os profissionais responsáveis pela capacitação, a iniciativa é um ciclo constante de troca de tecnologia e conhecimentos culturais. O projeto como um todo tem uma visibilidade internacional pela qualidade e inovação da transferência de tecnologia que o Brasil está fazendo. Todas as oportunidades estão sendo dadas a Moçambique para que, futuramente, o país tenha capacidade de produzir, sozinho, medicamentos para utilização em seu próprio território e para exportação.

Para as profissionais moçambicanas, ainda há muito trabalho a ser feito, uma vez que Moçambique é um país ainda em desenvolvimento e que ainda precisa desenvolver a área farmacêutica. "Para nós é uma oportunidade única poder absorver todo o conteúdo dessa transferência de tecnologia. A SMM é a pioneira nessa área e daí a importância desse projeto. Estamos com muita sede de conhecimento", disse. Ligia complementou dizendo que sua expectativa nessa capacitação é muito grande. "A indústria farmacêutica é algo novo em Moçambique. Temos que seguir o padrão de construção. Espero aprender bastante e implementar o máximo possível na área de Garantia da Qualidade, para poder colocar a SMM funcionando como deve", afirmou.

Com mais conhecimento, após participar do segundo módulo da capacitação, o farmacêutico Alberto Jequicene Chambe destacou que a capacitação o ajudou a desenvolver seus conhecimentos e a adquirir uma boa capacidade crítica. "Saímos daqui com nossos desempenhos potencializados. E o que é mais gratificante nessa transferência de tecnologia é que a SMM está em Moçambique e os medicamentos serão feitos por moçambicanos", finalizou.

Modelo desenvolvido pela Fiocruz Pernambuco será adotado na Suíça

O modelo do Sistema de Monitoramento e Controle Populacional do Vektor da Dengue (SMCP-Aedes), desenvolvido pela Fiocruz Pernambuco em parceria com o Instituto de Pesquisas Espaciais (Inpe), será adotado pela primeira vez no exterior, no cantão de Ticino, na Suíça. Os pesquisadores Pie Muller e Tobias Sutter, do Swiss Tropical and Public Health Institute, e Luca Engeler, do Istituto Cantonale di Microbiologia, estiveram na Fiocruz Pernambuco participando de reuniões que tiveram como tema principal a aplicação do sistema de monitoramento na Suíça. Na ocasião foi realizada uma oficina sobre como desenhar os mapas para o controle do mosquito *Aedes albopictus* no cantão suíço.

A iniciativa faz parte da cooperação entre a Fiocruz Pernambuco e o Swiss Tropical and Public Health Institute, que começou em 2012, com o objetivo de desenvolver pesquisas sobre o potencial de transmissão de dengue em áreas infestadas pelos mosquitos *Aedes aegypti* e *Aedes albopictus*, no Brasil e na Suíça. O projeto envolve, entre outros estudos, a identificação das espécies de hospedeiros preferidos pelos mosquitos e a suscetibilidade ao larvicida natural *Bacillus thuringiensis israelensis* (Bti) para tentar aperfeiçoar o sistema de vigilância e controle desses vetores nos dois países.

Fonte: Fiocruz Pernambuco



A equipe da Fiocruz, que atua no projeto Proforsa, em missão na Angola. Foto Luiz Damião Kilala/ Jica Angola

Reunião do Comitê de Coordenação do projeto Proforsa

Thiago Oliveira - Cris

Uma equipe da Fiocruz, coordenada por Luiz Eduardo Fonseca, ponto focal do Cris para a cooperação com África, e composto por outros membros do Cris, da Ensp e da EPSJV participou de uma missão brasileira na Angola, entre 3 e 8 de março, para a realização da Reunião Anual do Comitê de Coordenação do Proforsa. Esse projeto de cooperação tripartite, que envolve Brasil, Angola e Japão, visa o fortalecimento do sistema de saúde angolano, por meio do desenvolvimento de recursos humanos em dois hospitais de referência e quatro centros de atenção primária de Luanda. Segundo o analista de cooperação internacional do Cris, Pedro Burger, a missão foi de grande importância, pois possibilitou uma repactuação política das instituições e dos atores envolvidos. “Essa repactuação foi fundamental por permitir que o Proforsa contornasse alguns desafios encontrados, ajustando métodos e cronogramas para o alcance de nosso objetivo”, explicou.

O Proforsa está definido de acordo com a ideia de “cooperação estruturante em saúde”, buscando o

fortalecimento das instituições locais e a construção conjunta com as autoridades angolanas. “Essa cooperação é de grande importância e interesse para o Ministério da Saúde de Angola (MINSA), pois eles percebem a necessidade de melhorias em seu sistema de saúde, mas não desejam incorporar modelos externos prontos”, concluiu Burger. Entre os resultados da reunião está a definição do plano de trabalho 2013-2014 do Proforsa, a inclusão de formação em monitoramento e avaliação para técnicos do MINSA e a inclusão do Centro de Saúde Quatro de Fevereiro ao projeto.

A missão brasileira incluiu também representantes da Unicamp, da Agência Brasileira de Cooperação (ABC/MRE) e da Assessoria Internacional do MS/Brasil. Pelo lado Angolano, participaram da reunião representantes do MINSA e da DPSL, da Maternidade Lucrecia Paim e do Hospital Josina Machel. Pelo lado japonês, representantes da Agência Japonesa de Cooperação (JICA) da África do Sul, Angola e Brasil. A próxima reunião do comitê coordenador está prevista para 2014, e durante 2013 e 2014 ocorrerão diversas missões técnicas com participação da Fiocruz.



Os representantes de países da América Latina, membros da OPAS, no curso de Treinamento em Diagnóstico de Rotavírus. Foto: Gutemberg Brito

Conhecimento sem fronteiras

Vanessa Sol - IOC

O Laboratório de Virologia Comparada e Ambiental do IOC/Fiocruz recebeu, entre os dias 11 e 22 de março, representantes de dez países da América Latina, membros da Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS), para o curso de Treinamento em Diagnóstico de Rotavírus. A ideia é fornecer aos profissionais de saúde da Venezuela, Peru, Chile, Bolívia, Paraguai, Nicarágua, Panamá, Honduras, El Salvador e Guatemala subsídios para o diagnóstico da doença e para a análise da genotipagem do rotavírus. De acordo com o pesquisador do Laboratório, José Paulo Leite, é importante que os países latino-americanos identifiquem o perfil dos genótipos do rotavírus para vigilância epidemiológica após as estratégias de imunização. “Essas ações estão ocorrendo em diferentes países ao mesmo tempo para a identificação da eficácia da vacina e para verificar se estão surgindo novos genótipos”, explicou.

De acordo com a coordenadora da Rede de Laboratórios de Doenças Preveníveis por vacinação da OPAS, Gloria Reyes, a necessidade do treinamento surgiu da própria organização em decorrência da importância de qualificar ainda mais os profissionais dos países participantes, para que eles retornem aos seus locais de origem e implementem a metodologia utilizada pelo laboratório, que é referência em rotavírus. “Esta é a segunda vez que representantes da OPAS participam do treinamento. Nosso objetivo é fortalecer a capacidade de respostas dos laboratórios de cada país, que poderão melhorar a qualidade dos dados sobre o rotavírus”, sintetizou a coordenadora. O Laboratório de Virologia Comparada e Ambiental participa constantemente de visitas a laboratórios da América Latina a fim de apoiar a OPAS na identificação da capacidade física e de recursos humanos que esses laboratórios possuem para implantação do processo de diagnóstico e da genotipagem do rotavírus.

Fiocruz ajuda na reformulação de revista científica moçambicana

Danielle Monteiro - CCS e
Thiago Oliveira - Cris

As revistas científicas da Fiocruz vão servir de modelo para a reformulação da Revista de Ciências de Saúde, do Instituto Nacional de Saúde (INS/Moçambique). Entre os dias 11 e 15 de março, a editora da publicação, Ana Olga Mocumbi, esteve reunida com integrantes do Cris/Fiocruz e gestores de outros departamentos da Fundação para conhecer e discutir o processo editorial das revistas científicas da instituição, de forma a tomá-lo como base para as novas edições da revista moçambicana. A publicação foi criada em 1982, sem periodicidade regular, e não circula desde 2010. Para Olga, a reformulação da revista vai contribuir consideravelmente para o sistema de saúde de Moçambique, pois vai incentivar a tomada de políticas públicas baseadas em evidências. “A implantação do projeto, no entanto, não será tão fácil, pois teremos grandes desafios pela frente, como levar o processo adiante de forma contínua e conseguir o apoio no treinamento da equipe e na construção do formato *online* da revista”, contou.

A publicação será lançada no formato impresso e, gradualmente, vai migrar para (ou incluir) o formato *online*. A Fiocruz vai prestar consultoria na elaboração do primeiro número da revista, previsto para novembro, no que diz respeito à produção gráfica e à disponibilização digital das edições. A parceria ainda prevê a realização de uma oficina de trabalho, provavelmente em Moçambique, com foco na gestão de editoração e no uso de base de dados eletrônicos. A cooperação entre as duas instituições deve ser formalizada em abril. O apoio da Fundação na reformulação da publicação é fruto de um plano estratégico de parceria com o INS/Moçambique renovado em outubro do ano passado, durante visita do diretor do instituto moçambicano, Ilesh Jani, à Fundação. A Fiocruz dispõe de quatro revistas científicas: *Memórias do IOC*, *do Instituto Oswaldo Cruz*, *Cadernos de Saúde Pública*, da Ensp, *Trabalho, Ciência e Saúde*, da EPSJV, e *História, Ciências, Saúde*, da COC.

Pesquisadora mexicana fala sobre parceria com o Icict



Pesquisadora Maria Elena Zarmeño Espinosa em visita ao Icict. Foto: Ascom/Icict

O Icict/Fiocruz recebeu, na semana de 18 a 22 de março, a professora e pesquisadora Maria Elena Zarmeño Espinosa, da Faculdade de Ciências Humanas da Universidad Autónoma de Baja California (UABC), do México. A pesquisa-

dora, que visitou o instituto para selar uma parceria entre as duas instituições, desenvolve uma linha de pesquisa sobre Geração ou Aplicação Inovadora do Conhecimento e quer estabelecer contato direto com o Laboratório de Comunicação e Saúde – Laces, do Icict. Maria Elena Zarmeño conversou com a equipe do Icict sobre a parceria e o trabalho que desenvolve no México. Confira [aqui](#) a entrevista.

Fonte: Icict

A favor da inserção da saúde nos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável

O primeiro encontro do Grupo de Trabalho da ONU para a definição da agenda pós-2015 terminou em 15 de março alertando para que a saúde, assim como outras temáticas, seja contemplada entre os novos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS). Para o secretário geral da ONU, Ban Ki-moon, que, no momento, além da saúde, fez um chamado para a erradicação da pobreza e para a educação e o desenvolvimento econômico e social, os ODS devem acelerar os avanços dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio (ODM). O grupo, formado por 30 representantes, apresentará um relatório com suas propostas à 68ª sessão da Assembleia Geral da ONU.

Fonte: Isags

III Fórum Global de Recursos Humanos em Saúde

O Brasil será sede da terceira edição do Fórum Global de Recursos Humanos em Saúde. O evento, um dos maiores do setor, terá como tema Recursos Humanos para a Saúde: fundação para a cobertura universal de saúde e agenda de desenvolvimento pós-2015. Com a participação de cerca de duas mil pessoas de 40 países, o fórum será realizado em Recife (PE), de 10 a 13 de novembro. O encontro é organizado pela Aliança Global para a Força de Trabalho em Saúde (GHWA, do inglês Global Health Workforce Alliance) e patrocinado pelo governo brasileiro, a Organização Mundial da Saúde (OMS) e a Organização Pan-Americana da Saúde (Opas/OMS).

Fonte: Rets

Brasil e Venezuela: artigo aborda desafios da cooperação entre países

As pesquisadoras da Ensp Erica Kastrup e Luisa Regina Pessoa publicaram artigo, na revista eletrônica *Tempus – Actas de Saúde Coletiva*, que trata das questões da cooperação internacional em saúde entre o Brasil e a Venezuela. Intitulado Desafios da Cooperação Internacional Sul-Sul: Brasil e Venezuela, um processo horizontal, sustentável e estruturante, o texto foca na estruturação de uma Escola de Governo e de uma Rede Colaborativa de Instituições Formadoras no âmbito da saúde, com vistas à formação de trabalhadores. No artigo, as autoras indicam que, nos últimos cinco anos, a presença do Brasil tem se mostrado cada vez mais forte na cooperação internacional do eixo Sul-Sul, sendo necessária a avaliação dessas iniciativas a partir de aspectos como a relevância, a horizontalidade e o caráter sustentável e estruturante da cooperação, em que ambos os países ganhem com o processo. Confira [aqui](#) o artigo na íntegra.

Fonte: Ensp

Chamada para artigos para revista científica

O Instituto Nacional de Saúde (INS) de Moçambique está aceitando trabalhos originais de pesquisa básica, saúde pública e clínica, artigos de revisão, descrição/relato de caso clínico ou epidemiológico e material para formação contínua para publicação na Revista Médica de Moçambique, que está sendo reformulada com nova designação, política editorial e formato. As áreas de maior enfoque são as de saúde materno-infantil, nutrição, doenças infecciosas endêmicas, doenças tropicais negligenciadas, doenças crônicas, sistemas de saúde e saúde pública. Os artigos submetidos deverão ser constituídos de material inédito não publicado ou submetidos a outras revistas e escritos em língua portuguesa com resumo em inglês. Interessados devem enviar seu trabalho para o e-mail revistacienciasaude@gmail.com.

Fonte: Rets

Seleção de projetos de pesquisa em conjunto com grupos belgas

O programa Capes/WBI está selecionando, até 31 de maio, projetos de pesquisa em conjunto com grupos da Bélgica nas especialidades de Ciências Biológicas e da Saúde; Agroindústria; Engenharias (nas especialidades: mecânica, transporte e logística, aeronáutica e espacial); e Meio Ambiente. As atividades serão iniciadas em 2014. As inscrições são gratuitas e feitas exclusivamente pela internet, mediante o preenchimento do formulário de inscrição e envio de documentos. Mais informações pelo e-mail wbi@capex.gov.br ou pelo telefone 0800 616161 opção 7. Acesse o [edital](#).

Fonte: Capes

Pesquisa em laboratório internacional

A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) assinou, em 20 de março, o edital para recebimento de propostas para projetos de pesquisa, desenvolvimento e inovação tecnológica na área de nanotecnologia, no Laboratório Ibérico Internacional de Nanotecnologia (INL), com sede em Braga, Portugal. As propostas podem ser enviadas por instituições públicas e privadas de ensino superior que possuam programas de pós-graduação *stricto sensu* recomendados pela Capes, com áreas de concentração ou linhas de pesquisa em nanotecnologia. Também podem ser proponentes instituições de pesquisa e centros de excelência, pesquisa e desenvolvimento que apresentem projeto em áreas, subáreas e temas relacionados à nanotecnologia. Mais informações [aqui](#).

Fonte: Informe Ensp

Oportunidade no setor farmacológico

Através do programa Ciência Sem Fronteiras, pesquisadores brasileiros receberão treinamento e poderão acompanhar por pelo menos um ano, projetos de desenvolvimento e pesquisa de medicamentos em três centros especializados no exterior: Cambridge, na Inglaterra; Paris, na França, e Frankfurt, na Alemanha. A intenção é suprir um déficit de conhecimento científico sobre pesquisa e desenvolvimento de medicamentos, que ainda serão produzidos e que estão em fase de testes iniciais de segurança. O início do intercâmbio depende somente da seleção dos candidatos. Mais informações [aqui](#).

Fonte: Informe Ensp

Pesquisador do IOC/Fiocruz faz balanço da conferência da Rede Mundial de Academias de Ciências



Foto: Academia Brasileira de Ciências

O Brasil sediou pela primeira vez, no final do mês de fevereiro, a conferência da Rede Mundial de Academias de Ciências (InterAcademy Panel, IAP), que promove o debate entre representantes de 55 países sobre a utilização da ciência para a erradicação da pobreza e para o alcance do desenvolvimento sustentável. O evento foi organizado a partir do documento O futuro que queremos, assinado em junho do ano passado durante a Rio+20, indo ao encontro das discussões que tem sido promovidas por grandes fóruns internacionais. As propostas discutidas no encontro foram reunidas em um documento chamado Carta do Rio.

Nele, as Academias de Ciências se comprometem em avaliar a força e a fraqueza do atual sistema operacional de C&T em todo o mundo e participar do processo de defi-

nição dos próximos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio. No documento, elas também reforçam seu papel de assessorar governos e tomadores de decisão sobre as melhores políticas de C&T e afirmam que vão auxiliar na ligação da ciência para a sustentabilidade e a Educação além de promover a participação das mulheres na ciência e na solução de grandes desafios e facilitar a vinculação de projetos a esses desafios.

Um dos integrantes do Comitê Organizador da conferência foi o pesquisador do IOC/Fiocruz, Marcello Barcinski. Ele também é co-presidente do Comitê Científico da Conferência e Assembleia Geral da Rede Global de Academias de Ciências (IAP). Em entrevista ao Crisinforma, Barcinski fez um balanço do encontro, comentando seus principais frutos e destaques.

Como surgiu a ideia de se criar a conferência da Rede Mundial de Academias de Ciências?

Barcinski: A atual conferência foi a sétima da série. A ideia de se criar uma conferência em adição à Assembleia Geral do IAP, que é uma reunião de cunho mais administrativo e na qual são eleitos os co-presidentes e as Academias que irão compor o Conselho Deliberativo, surgiu da percepção de que o número de Academias participantes do IAP já era significativo e que a discussão de temas científicos amplos e abrangentes teria uma repercussão internacional importante.

Qual a importância da presença das academias de ciência em discussões em prol da redução da pobreza com base no desenvolvimento sustentável?

Barcinski: A atual conferência foi a primeira reunião das Academias de Ciências em que este tema foi discutido. A importância reside no fato de que sua presença consolida a pesquisa, seja ela básica ou aplicada, como uma das atividades humanas capazes de resolver o problema da pobreza e do desenvolvimento sustentável. Acho importante frisar que o objetivo é a erradicação da pobreza e não simplesmente a redução da pobreza. Esta distinção é de fundamental importância, pois, enquanto a erradicação da pobreza é um objetivo que implica em uma atividade permanente, a simples redução pode atingir um nível considerável satisfatório apesar de ainda existir pobreza. A segunda importância do tema em discussão foi a de permitir uma auto-avaliação e uma reflexão das academias de ciências do seu papel e da sua responsabilidade

social. É importante frisar que as Academias- com algumas exceções- são órgãos de assessoramento e não de execução de ciência.

Quais são os principais avanços alcançados pela IAP?

Barcinski: A Rede Global de Academias é um fórum permanente para o aperfeiçoamento das atividades das Academias de Ciências e consequentemente da ciência. Acredito que a oportunidade de discutir o seu próprio papel enquanto uma associação de cientistas seja um avanço de grande importância.

A discussão entre os 64 cientistas presentes no evento trataram das temáticas segurança alimentar, mudanças climáticas e energia sustentável. Quais foram

os principais destaques e frutos desse encontro?

Barcinski: Os participantes no evento foram bem mais do que 64 cientistas. Houve delegações com mais de um representante, além de observadores e cientistas convidados especialmente como palestrantes para a conferência. Outro destaque foi a participação significativa quantitativa e qualitativamente de jovens pesquisadores principalmente membros da GYA (Global Young Academy), uma rede ligada ao IAP. As temáticas discutidas foram as listadas acima, incluindo-se, também, a saúde global, o acesso à água potável e saneamento básico e o letramento científico (science literacy).

As discussões travadas na conferência deram origem a um documento chamado Carta do Rio. O primeiro item da Carta diz que a redução da pobreza e o desenvolvimento sustentável requerem o enfrentamento de grandes desafios-chave em saúde, alimentação, água, energia, biodiversidade, clima e educação, gestão de desastres, entre outros. Quais são os principais desafios nesses campos no Brasil?

Barcinski: Os temas listados acima são desafios universais com, obviamente, ênfases e obstáculos próprios em diferentes países. O Brasil tem pela frente todos estes desafios e um papel especialmente relevante na questão do acesso à água e da biodiversidade por ser um dos repositórios mundiais de grande importância. O acesso universal a uma educação de qualidade é certamente um de nossos maiores, se não o maior desafio, a ser urgentemente enfrentado.

A Carta do Rio afirma que, para resolver grandes desafios, é

necessária a integração entre inovação e ciência. Qual a importância dessa união para vencer os principais desafios para a redução da pobreza e o desenvolvimento sustentável?

Barcinski: Pesquisa e inovação (no sentido tecnológico) são duas facetas da criatividade humana com características que as distinguem. Enquanto que a pesquisa fundamental objetiva reduzir as lacunas entre o que ainda não é conhecido e o que já se sabe sobre os mecanismos operantes na natureza, a pesquisa aplicada objetiva reduzir as lacunas entre o que parece promissor e o que realmente funciona. Certamente esta última aproxima-se mais do conceito de inovação do que a primeira. Portanto a distinção importante a ser feita é entre pesquisa fundamental e inovação. Como dito acima, elas diferem em vários aspectos e o espaço e a ocasião não são apropriados para essa discussão. O importante aqui é a capacidade que as Academias de Ciências devem ter de aproximar indivíduos e instituições que façam pesquisa básica com indivíduos e instituições capazes de fazer inovação.

No evento, o ministro da ciência, Marco Antonio Raupp, propôs a criação de um comitê científico global que teria a missão de reduzir a pobreza mundial. Como você enxerga o papel das Academias de Ciências na criação desse comitê?

Barcinski: A proposta do ministro Raupp, endossada pela ABC que a apresentou na Assembleia Geral do IAP, foi justamente a da criação de um grupo de trabalho formado por representantes de algumas academias e que trabalharia especificamente na defini-

ção do “modus operandi” das academias para a erradicação da pobreza. Vejo com muito entusiasmo a formação de um grupo de trabalho com este objetivo porque além de definir formas de atuação, manteria viva esta missão das academias.

Uma das questões discutidas na conferência envolveu o dado do IBGE, que aponta que 35% dos domicílios brasileiros estão em insegurança alimentar, o que gera uma série de doenças, principalmente as cardiovasculares. Na ocasião, foi apresentado um exemplo de uma ação bem sucedida ocorrida na Finlândia, onde um esforço conjunto envolvendo escolas, universidades e mídia provocou redução expressiva no índice de doenças cardiovasculares. Que medidas podem ser adotadas pelas Academias de Ciência no Brasil para garantir uma maior segurança alimentar à população?

Barcinski: Esta discussão ocorreu como um evento paralelo ao programa da conferência através de uma iniciativa muito bem sucedida da assessoria de imprensa da ABC, objetivando a divulgação para o grande público dos temas em discussão. Em todo o caso, aqui também, o papel das academias é o de facilitar o intercâmbio entre pesquisadores para a geração de programas de segurança alimentar, divulgar estes programas e assessorar agências governamentais e de fomento à pesquisa para a sua formulação e implementação. As Academias de Ciências podem e devem participar ativamente da formulação e da implementação das metas definidas pelos governos e pelas Nações Unidas como a agenda para o desenvolvimento sustentável pós-2015.